

**574. soletras autonomia, 2013 chrys chrystello**

ilhas de névoas e gaze  
de novelões e conteiras  
do verde e do azul  
ó gente de basalto  
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços  
cais de rola-pipas  
mar imenso abraçado  
lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos  
republicanos presidentes  
poetas, pintores e artistas  
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas  
do passado feudal  
da escravatura da fé  
do atavismo ancestral?

soletras autonomia  
gaguejas liberdade  
titubeias emancipação  
com laivos de insubmissão  
como a irmã galiza  
cicias um 25 de abril  
que tarda em chegar

**594. autonomias nominais, 2013 susana margarido**

*"para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar"*  
Voltaire

hoje acordei sem voz  
sem mãos,  
sem pés  
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores  
arquipélago de mil autores  
num fiasco de autonomia  
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam  
em busca de subvenções porfiam  
melhor é ficar mudo e quedo  
viver dos subsídios esmoleres  
submissos e acomodados  
pobres despreocupados  
servos enfeudados  
ingénuos explorados  
na eterna espera de Godot  
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores  
ilhas de mil e uma dores

**579. bandeira por desfraldar, 2013 luciano pereira**

quero cantar armas e brasões assinalados  
faustos doutrora que poucos igualaram  
em vez de chorar corruptos governantes  
dilapidando pátrias vetustas

quero cantar navegadores e descobertas  
missionários e colonizadores  
em vez de chorar vendedores de pátrias  
de troicas estrangeiras marionetas

quero cantar guerras e batalhas  
expulsões de castelhanos e mouros  
em vez de chorar um país vendido  
à especulação bancária e ao IV reich

quero cantar a vizinha galiza livre  
celta, orgulhosa, ancestral  
em vez de chorar a repressão  
e extermínio por castela

quero cantar liberdade, igualdade e fraternidade  
em vez de chorar esta escravatura  
o silêncio e o medo sem futuro

que nos impõem  
até que alguém sem hesitações  
nem temores

se erga e vá  
desfraldar a bandeira dos açores

**510. lancha do pico 2011 chrys chrystello**

lá vem a lancha  
lá vem  
traz imigrantes, viajantes  
memórias vãs por limar  
da terra, do fogo  
do tempo sem prazo  
da fome e do medo  
das socas de milho  
das pedras por maroiçar

votaram com os pés  
fizeram-se ao mar  
sem botes nem baleias  
para a lonjura das amercas  
novas vinhas por esmoutar

voltam abonados  
impantes de dólas  
sem sueras nem albarcas  
ao rossio do mar  
lampeiros, apatacados  
emigrantes mendigos  
de memórias por aparar  
perderam as terras  
ganharam o mar

lá vem a lancha  
lá vem  
a bordo não traz ninguém  
picarotos perdidos  
como só esta ilha tem

comem e bebem

reveem parentes  
   e gente de bem  
 perdidos em tempos idos  
 repetem saudades dos entes  
 sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões  
 pagam dízimos e promessas  
 missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões  
 lágrimas da ilha que os repeliu  
 do sangue fizeram vinho  
 do magma medraram uvas  
 em terra de rola pipas  
 debouçam bocainas, traveses e jarões  
 plantam casas e novos luxos  
 nas ilhas vazias de gente  
 com leiva de memórias idas  
 musgo de antepassados  
 à espera de filhos e netos  
 sem regressos nem partidas

lá vem a lancha  
   lá vem  
 vazia  
   já não traz ninguém

**504. volitando 2011** **susana margarido**  
 vieram os deuses  
 plantaram ilhas  
 onde dantes havia água  
 nasceu a ilha-mãe,  
 havia a mãe-ilha, outra era marilha,  
 uma a ilha menina, outra ilha-filha  
 nove irmãs  
 filhas de poseidon e de afrodite  
 nascidas da espuma do mar  
 nos montes verdes  
 rugia o dragão  
 cuspiam chamas  
 tremia o chão  
 secavam ribeiras  
 vomitavam magma  
 chovia o trovão  
 de thor filho de odin  
 esquecido das gentes e animais  
 pobres escravos e colonos  
 amanhadores de rochas e fomes  
 desbravadores de mínguas  
 crentes e temerosos  
 orando promessas seculares  
 criam no destino sentindo-se culpados  
 ainda hoje penam  
 liberdades que não pagam dízimos  
 votam com os pés da emigração  
 a libertação de todas as cangas  
 mas voltam sempre  
 romeiros em promessas várias  
 açorianos até ao tutano  
 sem alforrias nem autonomias  
 perenes escravos destas ilhas  
 escrevem a história que poucos leem.

**534. açorianices 2011 luciano pereira**

disseram para falar de hortênsias  
plantar a palavra mar e algum sal  
lugares comuns de bruma  
azáleas, camélias, novelões,  
conceiras, milhafres e cagarros  
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse  
autores nasceram assim  
nas ilhas e na estranja  
ganharam prémios, foto no jornal  
o governo pagava e promovia  
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina  
avisto o mar em desalinho  
mas sem hidranjas  
nem açores a esvoaçar  
nem vacas alpinistas  
não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita  
sem títulos nem honrarias  
sem adjetivos telúricos  
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer  
mas quem o sente.

**545. sal 2012 chrys chrystello**

sempre que vou ao mar  
na boca fica-me um travo a sal  
sempre que vou à galiza  
os lábios falam-me de portugal  
e em goa, timor ou macau  
no brasil ou cochinchina  
nunca me sinto mal  
sândalo, cravinho e canela  
arroz-doce, bebinca, balachão  
a língua que nos une tem sal  
nela me deito e me deixo vogar  
nesse oceano da lusofonia  
sem ventos nem adamastores  
navegam todas as naus  
todos irmãos num só mar  
bandeiras do mundo sem passaporte  
esta a nossa cantiga de embalar  
sonhos, utopias por provar.

**517. a ilha de todos os medos 2011** **susana margarido**

uma ilha pode ser de todos  
 onde quer que se habite  
 viver na ilha é quase um naufrágio  
 respirar sob as águas turvas  
 viajar através do corpo submerso  
 vir à tona turbulenta  
 partir da ilha sem sair dela  
 levá-la para mundos outros  
 recriar a origem em qualquer destino  
 crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos  
 mas só alguns a usufruem  
 poucos exibem como passaporte  
 sem pudor de regionalismos  
 atraso, incultura, insucesso  
 secular canga feudal, ancestralidade  
 alheados na negação da açorianidade  
 vencendo na escrita fora da ilha  
 arrogância, ostracismo, solidão  
 sotaques polidos, discursos em vão

uma ilha pode ser de todos  
 deneguem anátemas e maldições  
 contra ilhanizados e açorianizados  
 albardem-se oportunistas da literatura  
 acoutados em rótulos de ocasião  
 enjeitem escritores renegados  
 tertúlias de Lisboa a Coimbra  
 promovam-se os que se não promovem  
 pedreiros do magma e lava  
 que sentem o que escrevem  
 que redigem a alma única

sabor a mar e terramotos

uma ilha pode ser de todos  
 merece-a quem a habita  
 uma ilha pode ser de todos  
 os livros a quem os lê  
 a escrita a quem a fabrica  
 em relação de bordo<sup>1</sup>  
 na ilha de nunca mais<sup>2</sup>  
 raiz original e comovida<sup>3</sup>  
 com lágrimas de gente feliz<sup>4</sup>  
 estude-se a cor cíclame<sup>5</sup>  
 na distância deste tempo<sup>6</sup>  
 quando Deus Teve Medo De Ser Homem<sup>7</sup>  
 e era o príncipe dos regressos<sup>8</sup>  
 em a sombra de uma rosa<sup>9</sup>  
 quando havia almas cativas<sup>10</sup>  
 no contrabando original<sup>11</sup>  
 estava o mar rubro<sup>12</sup>  
 de histórias ao entardecer<sup>13</sup>

exaltem e reeditem  
 o lavrador de ilhas<sup>14</sup>

---

<sup>1</sup> Cristóvão De Aguiar

<sup>2</sup> Fernando Aires

<sup>3</sup> Cristóvão De Aguiar

<sup>4</sup> João De Melo

<sup>5</sup> Maria De Fátima Borges

<sup>6</sup> Marcolino Candeias

<sup>7</sup> Daniel De Sá

<sup>8</sup> Eduardo Bettencourt Pinto

<sup>9</sup> Eduardo Bettencourt Pinto

<sup>10</sup> Roberto De Mesquita

<sup>11</sup> J. Martins Garcia

<sup>12</sup> Dias De Melo

<sup>13</sup> Fernando Aires

<sup>14</sup> J H Santos Barros

nas escadas do império<sup>15</sup>  
 marinheiro com residência<sup>16</sup>  
 plantador de palavras vendedor de lérias<sup>17</sup>  
 que foi ao mar buscar laranjas<sup>18</sup>  
 e eu fui ao pico e piquei-me<sup>19</sup>  
 à boquinha da noite<sup>20</sup>  
 nos silos do silêncio<sup>21</sup>  
 em a ilha grande fechada<sup>22</sup>

era desta açorianidade  
 que vos queria falar  
 medram poetas nestas ilhas  
 contistas, ensaístas,  
 novelistas, romancistas  
 narradores contadores,  
 dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo  
 e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos  
 onde quer que se habite  
 ninguém a ama ou deseja  
 como os que nela se querem  
 sejam nascidos e vividos,  
 ou apenas trasladados  
 com raízes que nenhum machado cortará  
 colhendo flores que só o poeta cantará

voando quimeras que só o vate sonhará

uma ilha pode ser de todos  
 onde quer que se habite  
 deixai que a chame minha  
 quero-a só para mim  
 mãe de todas as filhas  
 mar de todas as ilhas  
 ela pode ser de todos  
 a ilha de todos os medos

---

<sup>15</sup> Vasco Pereira Da Costa

<sup>16</sup> Urbano Bettencourt

<sup>17</sup> Vasco Pereira Da Costa

<sup>18</sup> Pedro Da Silveira

<sup>19</sup> Álamo Oliveira

<sup>20</sup> Dias De Melo

<sup>21</sup> Eduíno De Jesus

<sup>22</sup> Daniel De Sá

**563. quando morrer, 2012 luciano pereira**

quando eu morrer

não declare nada  
que eu não tivesse dito  
não elogie nem critique

quando eu morrer

não vá ao meu velório  
nem mande flores  
escreva uma frase lapidar  
e publique-a

quando eu morrer

faça uma festa  
leia um poema meu  
beba um bom champanhe francês  
fume um cubano  
seja politicamente incorreto  
como eu seria

quando eu morrer

sem ver luz ao fim do túnel  
vou esquecer muitas coisas  
mas pedirei à minha mulher  
que me construa novo taj mahal

**564. polir sóis com uma peneira 2012 chrys chrystello**

polir textos é como arear pratas  
dissipa-se a sujidade  
mas o fulgor que resta  
cintila com menor valia

polir amizades é como sacudir o pó  
com a gentileza de uma pena  
nada se perde nem se transforma  
basta um gesto, um telefonema  
uma SMS, uma mensagem  
talvez apenas um *like* no Facebook  
como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado  
questão de sorte e perícia  
em panos de fina seda  
como limar diamantes em bruto  
pode quebrar a agulha ou o casamento  
e em vez de 24 ficam 6 quilates

polir países é arriscado  
as limas devem ser amoladas  
à prova de lóbis e desgovernos  
cortam-se as esquinas angulosas  
talham-se as aparas mais finas  
em areias de fina brancura

é como ir ao alfaiate do tempo  
encomendar um fato por medida  
para dar com a cor do cabelo  
ir ao barbeiro do futuro  
fazer a barba que não se tem  
e há o risco de cortar o país todo

talhar pessoas  
                  trinchar tradições  
sem memória  
                  nem história  
serrar distritos, fender concelhos  
encurtar fronteiras até ao mar  
até finir portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil  
corta-se uma folha de papel em a4  
verifica-se a tinta nos tinteiros  
gravam-se caracteres como granito  
basalto, quartzo ou ametista  
lavram-se sulcos como rios  
erguem-se sombras como montanhas  
sombras de marés vivas ou mar chão  
deixa-se a marinar em banho-maria  
leva-se ao lume brando com pitada de sal  
junta-se pimenta a gosto e louro e basilicão  
retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre ansiei ser poeta  
navegar em utopias  
escrever cardápios de vida  
imensos e belos como o oceano  
livres e úteis como o ar  
na solidão dos mares açorianos

**617. geometrias, 2013 susana margarido**

a elipse veio à janela  
mordaz sorriu com malícia  
lenta, descreveu um círculo  
com um dichote brejeiro  
triangulou um piscar de olho  
e numa hipérbole sensual  
com uma risada estrídula  
sentou-se quadrada no meu colo

**571. cântico quântico açoriano, 2013 luciano pereira**

se os escritores soubessem física quântica  
saberiam como as suas obras se disseminam

uma partícula associada à sua antipartícula  
um anti-b-mesão associado ao b-mesão  
mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão  
no meio da maléfica antimatéria  
vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica  
viveriam todos nos açores  
pois é aqui que o alter ego é a chave  
da maior questão da existência  
como nasceu e como vai morrer  
este nosso universo

**515. a nau sem escorbuto 2011 chrys chrystello**

arribou nesta praia deserta  
a nau sem escorbuto  
sem mastro nem pendão  
sem carga nem marinagem  
sem especiarias do oriente  
nem arroz do sião ou malaca  
sem pérolas de ormuz  
nem diamantes da índia  
sem cavalos das arábias  
nem marfim das áfricas  
fora de cochim a meca  
de ternate a timor  
sem compradores  
nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta  
longe do mar eritreu  
há mouros e judeus conversos  
cristãos por batizar

os senhores dos açores  
ocupam lugares de proa  
a barlavento das gentes  
não vieram de calecute  
nem estiveram em cipango  
não cuidam da pimenta do reino  
da noz-moscada, do cravo-da-índia  
do açafraão, anis, gengibre e canela  
não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,  
que não é terra de gentios  
chamam-lhe sua e de mais ninguém

como samorim a regem  
feitos marajás em palácios  
ofertam bugigangas aos nativos  
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia  
frente à seteira  
em castelo sem pendão  
envio migas de letras  
a todos sem literário pão  
crónicas avulsas de vidas vividas  
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome  
do frio que aí vem  
das vacas que se foram  
do leite que não mungiram  
dos campos que não araram  
das colheitas que não comeram  
feliz vota nos que prometem  
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias  
mutilados e estropiados  
cá já temos sem-abrigo  
drogaditos e malfeitores  
assaltantes, meliantes  
económicos dissabores  
da troica que tudo leva  
e cobra dívidas que herdamos  
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham  
nem procissões e andores  
preces e velas acesas

romeiros de todas as dores  
somos um povo infeliz e abúlico  
sem sonhos nem destemores  
vergados ao duro peso  
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam  
nem bardos nem cantores  
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos  
erros grosseiros  
enganos ledos  
sem naus nem caravelas  
sem espadas nem aduelas  
sem especiarias nem língua franca  
cantando fados a tétis com paixão  
com futebol e telenovelas  
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo  
sofre consternado  
às dívidas acorrentado  
à mingua de dízimos e outros enfados  
sem contar os créditos mal parados  
come demagogia e paga iliteracia  
santa liberdade e democracia  
chora lágrimas de crocodilo  
lendo jornais desportivos  
com as letras aprendidas  
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades  
vendia os anéis e comia os dedos  
emigrava quando podia

queixava-se da sorte caipora  
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara  
timidamente na crise despontara  
bancos enriqueciam na austeridade  
à custa da plebe e do suor já suado  
de brandos costumes acostumado  
não descera às ruas este povo  
faltava-lhe força e inteligência  
nem era gleba de novo  
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis  
em terra de pagãos e infiéis  
não daria berloques aos nativos  
apenas a chibata e o chicote  
as grilhetas de trabalhos cativos  
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário  
no alto do seu castelo  
gritava a bom gritar  
mas não o ouviam as massas  
sem perder tempo para se educar  
e acreditavam nos seus donos  
compradores de votos  
com promessas a acenar  
o jardim à beira-mar plantado  
há muito inculto e estiolado  
ia fenecendo devagar  
sem gente para o cuidar  
e dos vindouros muitos virão  
dizer que o poeta pressagiava  
o fim desta bela nação.

**573. fados e sambas, 2013** **susana margarido**

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
cantigas ao desafio  
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras  
pintam realidades inesperadas  
todos ficam todos partem  
em dia de são vapor  
tão longe sempre perto  
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
manta remendada de nove cores  
tapete voador da saudade  
sementes da memória  
nas paredes do tempo  
rasgando o silêncio  
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril  
filho de muitas ilhas  
choro este fado

**588. as 4 idades do homem, 2013** **luciano pereira**

adoro as quatro idades do homem  
infante de sonhos húmidos  
mil e um futuros sem pressas  
adolescente de sonhos psicadélicos  
a pressa do futuro que se pode perder  
a meia idade de sonhos pesadélicos  
com a lentidão de quem viveu  
a necessidade de contemplar o vivido  
reviver conquistas esquecer amarguras  
na última etapa sem sonhos délicos  
sem medos e sem futuro  
esperando encontrar a alma  
sem alzheimer nem demências

**576. onde os açores não voam, 2013** **chrys chrystello**

tu que nasceste açoriano  
nem vais acreditar  
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate  
não fui aos 2 mil anos de persépolis  
não cacei leões na gorongosa  
não comi chicharrinhos em rabo de peixe  
não vi pedra nem os budas de bamiyan  
nem vi índios de roraima  
não fumei ganza nas praias de goa  
nem fui em adoração a katmandu  
nunca cheguei a machu picchu  
nem a hotel de gelo nórdico  
nadei na areia branca em dili  
em cheoc van em coloane  
em bondi de sydney  
em kuta beach de bali  
em pattaya tailandesa  
no bidé das marquesas de s. martinho do porto  
na praia azul de espinho  
nas águas límpidas de daydream island  
nas areias de byron bay  
banhei as mãos em tijuca  
as cataratas do niágara molharam-me  
vi o sol a pôr-se na lapónia  
e a nascer em bobonaro  
vi sóis, luas, mares e céus  
no faial, pico e flores  
e nas 3 ilhas santas dos açores  
nadei em rotnest island  
comi em fremantle  
dormi em towal creek comara

vivi em prahran e falls creek  
waverley, centennial park  
maroubra, coogee e randwick  
cottesloe e claremont  
lecidere em dili  
leiria, tomar e mafra  
campo lindo, maria pia e amial  
sou de bragança sem lá ser parido  
sou australiano sem lá ter nascido  
carrego frações da galiza e do brasil  
de cristãos novos e alemães  
minhotos e marranos  
das cruzadas até áfrica  
onde nunca estive

e de todos esses locais  
que terás de buscar num mapa  
encontrei as tuas ilhas  
**nelas serei açoriano até morrer.**

**646. Enquanto dormias a nova escravatura chegou, 2013** **luciano pereira**

nenhum de nós é livre  
enquanto ao teu lado  
houver fome  
miséria  
desemprego  
hoje são os outros  
amanhã serás tu  
passaram 40 anos

nenhum de nós é livre  
enquanto abril não se cumprir